

PADRE ANTÓNIO VIEIRA 1608-1697

Abílio Lousada

Nota Introdutória

Em 2013, 51 investigadores portugueses e brasileiros de várias áreas compilaram, anotaram e deram a conhecer, pela primeira vez, a vasta obra literária do Padre António Vieira. Trata-se de 700 cartas, 200 sermões, tratados proféticos, escrito sobre política, os judeus, os índios, poesia e teatro. Editada em 30 volumes, divididos por quatro tomos, a obra tem mais de 15 mil páginas e levou mais de dois anos a ser compilada, tendo-se tornado o maior projeto editorial português. A apresentação da obra ao público foi feita na Igreja de Santo António dos Portugueses, em Roma, em 2018, onde o Padre António Vieira pregou, e um exemplar foi oferecido ao Papa Francisco, também ele jesuíta.

15.000 páginas de textos! Não admira que Fernando Pessoa se lhe referisse como «O Imperador da Língua Portuguesa» e José Saramago dissesse que *“nunca a língua portuguesa foi tão bela, como quando a escreveu esse jesuíta”*.

O coordenador da obra referida, José Eduardo Franco referiu o seguinte: *“as soluções que ele apresentou para o país, os escritos dele sobre a nossa mentalidade e os nossos políticos [permitem] dizer que ele é um autor, uma figura histórica anticrise”*. O historiador lembrou ainda como o sacerdote, nascido junto à Sé de Lisboa, lutou contra as desigualdades sociais, a opressão do trabalho escravo, criticou a existência de cidadãos de primeira e de segunda, referindo-se ao que na época catalogava como «cristãos-velhos» e «cristãos-novos», e criticou as estruturas dominantes de corrupção, por exemplo no sermão do bom ladrão. *“Faz uma crítica notável à corrupção em Portugal e nas Colónias, referindo-se à corrupção como uma espécie de cancro que impedia que Portugal progredisse – nada mais actual”*, afirmou o historiador.

A sua vida *“começa no claustro do colégio da Baía, decorre na actividade de missionário nas placas amazónicas ou de diplomata nas cortes europeias, para acabar carregada de cultura e experiência, utopista a cada passo desmentido pela realidade, homem de acção apostólica e política – triunfos e decepções, vitórias e derrotas – na mesma cidade de onde tinha partido à conquista do mundo”*. O Padre António Vieira foi um *“homem de acção por imperativo da própria natureza e por orientação educativa, como orador ou epistológrafo, havia necessidade utilizar a palavra falada ou escrita como instrumento da sua acção”* [Hernâni Cidade].

Resumo Biográfico

É um dos grandes vultos da literatura portuguesa, pelo brilho dos seus sermões, pela riqueza da linguagem e pela genialidade das suas teses. Começou por ser missionário no Brasil, para onde partiu ainda criança, entrando para a Companhia de Jesus. O seu apostolado incidiu, sobretudo, na reforma dos costumes e na defesa e promoção social dos índios, posição que manteve sempre. Mais tarde, em Portugal, juntou-lhe o apoio aos cristãos-novos (judeus). Estas posturas actuates, bem como o profetismo dos seus sermões e escritos, moveram contra ele os interessados na exploração dos indígenas brasileiros (Brasil) e o Santo Ofício (Lisboa), que o acusou de heterodoxia e judaísmo. Gozou de protecção no reinado de D. João IV (1640-1656) e, depois de ter ido para Roma (1669), do Papa Clemente X, que o furtou à tutela da Inquisição. Entre os dois períodos (1665-1668) esteve retido e condicionado nas suas acções em Coimbra e em Lisboa.

Como pregador espiritual da corte de D. João IV ressaltam os sermões, quase todos combinando a exaltação religiosa com a patriota, sendo uma figura muito importante da Restauração. Ao seu serviço, desempenhou importantes missões diplomáticas em França, na Holanda e em Roma. Numa das estadas junto da Santa Sé foi pregador da ex-rainha Cristina da Suécia, então ali exilada. Regressou definitivamente ao Brasil em 1681, passando os últimos anos da sua vida a preparar a edição completa das suas obras.

- 6 fevereiro 1608: Nasce perto da Sé de Lisboa.
- 1614: Instala-se com a família na Baía (Brasil) onde o pai é escrivão.
- 5 maio 1623: Ingressa na Companhia de Jesus.
- 1626/1627: Redige o relatório anual da Companhia de Jesus (1.º escrito).
Professor de Retórica em Olinda (Brasil).
- 1634: Ordenado sacerdote na Baía. Evangeliza os índios e defende a dignidade humana dos escravos negros.
- 1638: Notável pregador, é professor de Teologia no colégio jesuíta.
- 1641/1653: Após a aclamação de D. João IV como rei de Portugal (1 dezembro de 1640), regressa a Lisboa, assume o ofício de diplomata e torna-se no tribuno da Restauração.
- 1653-1661: Regressa ao Brasil, furtando-se à pressão da Inquisição por defender a inclusão e os direitos de cidadania dos judeus. Desenvolve missões no Maranhão e no Grão-Pará e devido à proteção dos índios incorre na ira dos colonos.

- Setembro 1661: Pressionado pelos colonos, regressa a Portugal.
- É confessor da regente D. Luísa de Gusmão.
- 1665-1668: É feito recluso (Coimbra e Lisboa) acusado de heresia pelos escritos sobre o sebastianismo e o V Império, e impedido de pregar.
- 1669-1675: Mudou-se para Roma, onde pregou, ensinou e escreveu. Influenciou o Papa contra a Inquisição, que a suspendeu.
- 1675-1681: De novo em Lisboa e absolvido das acusações, afasta-se da vida pública.
- 1681: Desalentado, vai de novo para a Baía, onde compila os vastos escritos e mantém a defesa dos indígenas.
- 18 julho 1697: Morre na Baía aos 89 anos de idade, onde é sepultado.
- Século XVIII: A sua obra torna-se conhecida, sendo elogiada na Europa.
- 2013: Publicação da sua obra completa (30 volumes), entre cartas, sermões, obras proféticas, escritos políticos, sobre os judeus e os índios, bem como poesia e teatro.

Missionário e Humanista

O Padre António Vieira passou grande parte da sua vida no Brasil: 1. 1614-1641 (27 anos); 2. 1653-1661 (8 anos); 3. 1681-1697 (16 anos). Um total de 51 anos.

Ingressou na Ordem Jesuíta de Santo Inácio de Loyola, uma congregação religiosa orientada para a missionação e evangelização, a defesa dos mais desprotegidos e a sua educação e ensino e assistência na saúde. Ali foi professor, iniciou os seus escritos e se distinguiu na arte oratória, tornando-se fluente em Latim. Defendeu a humanização da escravatura e a dignidade dos negros, utilizados no trabalho forçado dos engenhos açucareiros e da extracção mineira. Uma sua avó era negra ou mulata, aspecto visível nos retratos que foram feitos ao padre jesuíta, que terá influenciado a sua postura. Um dos seus primeiros sermões públicos foi feito em 1633 a uma confraria de escravos negros. De igual modo, como missionário, absorveu a chamada língua geral dos índios, que evangelizou, instruiu e protegeu da sanha exploratória dos colonos brancos no trabalho sem direitos nas fazendas. Redigiu, inclusive, um catecismo em língua indígena. Por isso era carinhosamente tratado de *Paiaçu* (Pai grande).

Durante a segunda estadia na colónia brasileira (1653-1661), esteve no Maranhão e no Grão-Pará (Norte do território), Estado separado do Brasil, onde viviam menos de um milhar de colonos portugueses, e não havia engenhos de açúcar, nem escravatura negra. Ali dirigiu as missões jesuítas, sendo o principal obstáculo à sua missão a caça ao índio, usado como escravo nas plantações de algodão e de tabaco. Tentou um compromisso com os colonos, mas sem efeito. Data desta altura o «Sermão de Santo António aos Peixes», uma alegoria a

repreender os vícios e a louvar as virtudes humanas. Nas missões percorreu milhares de quilómetros pelo sertão, de canoa ou a pé. Chegou a gizar um projecto de submeter aos missionários toda a população índia do sertão, desde o Maranhão até aos confins do Paraguai, contornando o Brasil. Contudo, queixando-se da falta de mão-de-obra, os colonos revoltaram-se, os jesuítas foram presos e o Padre António Vieira e demais companheiros foram recambiados para Lisboa, sob escolta armada. Isto numa altura em que já não podia gozar da compreensão e apoio do rei D. João IV, falecido em 1656.

Regressou definitivamente ao Brasil (1681-1697), desalentado com o ambiente político e social existente em Portugal, onde manteve o apoio aos índios e aos escravos negros, numa altura em que já era septuagenário e o seu prestígio no território era imenso.

Diplomata e Pragmático

A carreira política do Padre António Vieira foi feita durante o reinado de D. João IV. De facto, durante a tutela filipina, esteve no Brasil, e após a morte do Rei-Restaurador, tornou-se numa espécie de proscrito do Reino.

Era já uma personalidade notória na província brasileira quando, em 1641, embarcou para Portugal como membro da delegação que veio trazer a adesão dos colonos brasileiros a D. João IV, aclamado rei em 15 de Dezembro de 1640. Os portugueses no Brasil deram nesta época provas de um vigoroso patriotismo e foram um dos principais esteios da monarquia restaurada. Na corte tornou-se favorito do rei que, além da exaltação espiritual e patriota dos seus sermões pela causa da Restauração, o utilizou como agente diplomata. O problema imediato era a guerra contra a Espanha, para a qual se tornava urgente angariar aliados e dinheiro. Além disso, uma atenção especial merecia a luta dos colonos brasileiros contra a intrusão dos holandeses no território, prolongada em Angola.

O Padre António Vieira defendia que o Brasil sem o trabalho escravo de Angola era insustentável e que Portugal sem os proventos económicos do Brasil era inviável. Os apoios externos a captar para a causa da Restauração eram a Inglaterra, a França e a Holanda, além de garantir a compreensão da Santa Sé, em Roma. Desempenhou missões em França (1646), na Holanda (1647) e em Roma (1650), onde as várias intenções de colocar esses países a auxiliar Portugal na guerra contra a Espanha se revelaram complexas e que, inclusivamente, levaram D. João IV a pensar em retirar com a corte para o Brasil. A França exigia contrapartidas financeiras e um envolvimento generalizada de Portugal na guerra europeia, a Holanda negou a aliança proposta, a troco da cedência de Pernambuco e dos proventos dos

engenhos. Quanto a Roma, que tinha na Espanha o país católico mais consistente para se opor às heresias protestantes, não reconheceu a dinastia portuguesa.

Isolado, a falta de dinheiro era o maior problema de Portugal. Logo nas primeiras Cortes, os representantes do povo reconheceram e consentiram o lançamento de impostos, com cifras superiores às que haviam sido negadas a Filipe IV. Do mesmo modo, a própria Casa Real se comprometeu a contribuir financeiramente para o esforço de guerra. Ao invés, a nobreza e o Clero, ciosos dos seus direitos de isenção, resistiram, pese embora o discurso do Padre António Vieira que aconselhava «aos *eclesiásticos e aos nobres que contribuissem com o povo, para as exigências do Estado, sem embargo das suas imunidades e privilégios, que todos devem cessar em tais conjunturas e era tão forçosa e presente que a liberalidade vinha a ser justiça*». O problema do dinheiro levou o Padre António Vieira a recuperar a questão do cristãos-novos (judeus). Tratava-se de um grupo social de grande pendor negociante, detentores de capital móvel e relacionados com uma rede internacional de comerciantes portugueses imigrados em algumas das capitais financeiras e comerciais da Europa, como Ruão (França, Normandia) e Amesterdão. Ele via neste grupo social a fonte possível de recursos financeiros para a guerra e para a salvaguarda das comunicações com o ultramar. Para o efeito, propôs a abolição da discriminação que recaía sobre os cristãos-novos e a reintegração deles na sociedade portuguesa. Foi ao ponto de recomendar a atribuição de carta de nobreza aos negociantes. Por essa via, entendia ele que conseguiria captar, inclusive, os seus homólogos imigrados, com destaque para os de França e Holanda, com os quais contactou no decurso das suas viagens de 1646 e 1647 e que esteve na base da sua ideia de criação da Companhia Geral do Comércio do Brasil. Mas o problema é que eram tidos como suspeitos comportamentais e espirituais pela Inquisição, além de esta não aceitar abolir a pena de confiscação dos bens por delito de judaísmo, de que usufruía.

Por estas e outras ideias e opiniões, que não vingaram, o padre jesuíta tornou-se um homem a vigiar. Acabando por estar na base do seu regresso ao Brasil, em 1653. Mas não deixa de ser interessante que, anos mais tarde, D. Luís de Menezes, que com ele privou, escrevesse na obra «Portugal Restaurado» o seguinte: “*como o seu juízo era superior e não igual aos negócios, muitas vezes se lhe desvaneceram por querer trata-los mais subtilmente do que os compreendiam os príncipes e ministros*”.

Profético e Utópico

Podemos considerar o Padre António Vieira como o pai do *V Império*, através dos escritos «*Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo*» e «*A História do Futuro*».

Fernando Pessoa seguiu-lhe as pisadas e o poeta Miguel Torga dedicou-lhe os seguintes versos: *“Filho peninsular e tropical / de Inácio de Loyala / Aluno de Bandarra e mestre de Fernando Pessoa / No Quinto Império que sonhou, sonhava / O homem lusitano / À medida do mundo / E foi ele o primeiro / Original / No ser universal / Misto de génio, mago e aventureiro”*.

A verdade é que acreditou e defendeu a essência do *V Império*, extraído das profecias do profeta de Daniel do Antigo Testamento (Dn 2, 31-45): Nabucodonosor, rei da Babilónia (634 a.C.-562 a.C.), teve um sonho e pediu aos sábios que lho interpretassem. Nesse sonho, viu uma estátua de grandes dimensões, em que a cabeça é de ouro, o peito de prata, o ventre de bronze e os pés de barro, misturado com ferro. Entretanto, uma pedra bate no barro e faz com que toda a estátua desabe, enquanto a pedra se transforma numa alta montanha que cobre a terra inteira. Foi o profeta Daniel quem interpretou o sonho do rei. Para ele, o ouro representa o império da Babilónia, e a prata, o bronze e o barro, misturados com ferro, significam três impérios que irão suceder-lhe. Esses quatro impérios serão destruídos e a pedra que se transforma em montanha profetiza a vinda de um quinto império universal que não terá fim.

Para o efeito escreveu Vieira: *“Mas não, não é luar: é a luz do etéreo. É um dia: e, no céu amplo de desejo, A madrugada irreal do Quinto Império Doira as margens do Tejo”*. Já se sabe, o *V Império* de Vieira é Portugal, sucessor do Romano dos Césares, que havia dado continuidade ao Grego de Péricles, este ao Persa de Ciro e por fim ao Babilónico/Assírio. Refere o Padre António Vieira na *História do Futuro* que *“chamamos Império Quinto ao novo e futuro que mostrará o discurso desta nossa História; o qual se há de seguir ao Império Romano na mesma forma de sucessão em que o Romano se seguiu ao Grego, o Grego ao Persa e o Persa ao Assírio”*.

O *V Império* seria universal, abrangeria todos os continentes, todas as raças e todas as culturas. Um Império cristão e católico que havia de consumir a conversão dos hereges, maometanos, pagãos e judeus. Um Império de paz e harmonia regido por Cristo, sendo o governo espiritual exercido pelo Papa de Roma e o governo temporal por um rei português, que se pensa ser D. Sebastião ou D. João IV.

O Padre António Vieira viveu e foi figura importante da Restauração e muito próximo de D. João IV e, nesse sentido, o *V Império* foi uma forma de legitimar o movimento autonomista português que, em 1 de dezembro de 1640, anulou 60 anos de União Ibérica. Por isso, é quase certo que é em D. João IV que Vieira depõe as esperanças do renascimento de um Portugal glorioso; D. João IV o encoberto que resgatou Portugal da penumbra castelhana,

o desejado e o novo D. Sebastião. Para ele, os Portugueses são o povo eleito da universalidade.

Este profetismo e visão ocultista valeram-lhe as desconfianças dos poderes públicos e a perseguição da Inquisição.

Pregador e Escritor

Príncipe da arte de bem falar, o Padre António Vieira foi um pregador incansável, cativante e brilhante. Que desenvolveu no Brasil, em Português e na língua nativa, perante brancos, negros e índios, em Portugal, tendo os paroquianos como destinatários, bem como os senhores do reino, a começar na própria família real, em França, na Holanda e em Roma, onde se expressou em Latim e em Italiano. Seguiu a tradição clássica e os sermões começam sempre com uma citação da Bíblia, que servia como base para a tese explicitada. Na verdade, os textos sagrados são uma fonte inesgotável de alegorias e comparações, que ele conhece como ninguém e que para tal efeito os sabe aproveitar. A oratória, assim como a argumentação, é muito presente, que procurava antecipar possíveis questões feitas aos seus argumentos. Acreditava que o uso de linguagem rebuscada dificultava o entendimento dos sermões e que o mais importante era transmitir a mensagem. O discurso não precisava ser sofisticado demais e sem conteúdo, mas antes simples, claro e objectivo. Portanto, “*a obra literária de Vieira é, naturalmente, a resultante de uma vida por demais trabalhada, para que se lhe pudesse conservar alheia, e de um temperamento de artista por demais original, para que a não vincasse de forte expressão inconfundível*” [Hernâni Cidade].

Foram sermões esfusiantes, que passou a papel a partir de notas e esboços. É classificado como um escritor do movimento literário barroco, que alcançou um equilíbrio admirável entre a linguagem falada e a escrita. É o mestre da palavra.

Algumas das suas obras mais importantes e conhecidas são:

1) *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda* (Baía, 1640), onde ameaça deixar Deus se ele deixar o Brasil ser entregue aos holandeses;

2) *Sermão de Santo António aos Peixes* (Maranhão, 13 de Junho de 1654), um documento de surpreendente imaginação, habilidade oratória e poder satírico, que toma vários peixes como símbolos de algumas virtudes humanas e, principalmente, dos vícios dos colonos face aos índios, que censura com severidade;

3) *Sermão do Bom Ladrão* (Maranhão, 1655), pelo qual critica «a arte de roubar», mostrando ao povo português como funcionava a roubalheira no Brasil-colónia. O padre,

indignado, separa o pequeno ladrão que rouba para comer, do grande ladrão que rouba impérios;

4) *Sermão da Epifania* (Maranhão, 1662). Destaca a América como continente que “*converteu e adorou a Cristo rapidamente e sem repugnância que todas as outras partes do mundo*”, acreditando, também, que a colonização no continente americano seria a realização de uma profecia bíblica. Vieira argumenta sobre a questão da escravidão imposta pelos portugueses aos negros e índios, e problematiza: “*A causa da cor é o sol. As nações, umas são mais brancas, outras mais pretas, porque umas estão mais vizinhas, outras mais remotas do sol*”, alegando que a cor da pele de um indivíduo não o torna menos importante que o outro, e não justifica o facto de que uma pessoa seja escravizada levando em consideração apenas a cor da sua pele;

5) *História do Futuro* (Lisboa, 1718). É a primeira narrativa utópica escrita em português, onde o autor buscou reavivar o mito milenarista do Quinto Império, um império cristão e português a dominar o mundo, sucedendo aos 4 célebres impérios da Antiguidade: assírio, persa, grego e romano. Para ele, havia uma nítida repetição dos ciclos da História, e agora caberia a Portugal a liderança do mundo civilizado.

O Legado

Padre Jesuíta e Missionário: Vivência conforme a Doutrina Social da Igreja.

Humanista: Defesa e protecção dos explorados e desfavorecidos. Arauto da liberdade.

Diplomata: Patriota.

Visionário: Crença no futuro e optimismo por Portugal.

Pregador – Escritor: Arte de bem falar, bem escrever e bem comunicar a língua portuguesa. Homem frontal e corajoso, podemos vê-lo, nos nossos dias, como um património de crítica social e política.

«António Vieira é o símbolo do Portugal imortal, do país que não desiste de ser uma comunidade hospitaleira de cultura e futuro. Ele é o rosto da resiliência da nossa pequena nação, que para sobreviver teve de ser maior do que o maior dos seus sonhos.» [Viriato Soromenho-Marques]

«Nunca o pensamento português foi levado tão longe e nunca a língua em prosa foi trabalhada a um nível tão excelente e primoroso como na obra de Padre António Vieira.» [Miguel Real]

«Hoje, Vieira inspira-nos, com o vigor da sua ação determinada e com a sua palavra mobilizadora, em tempos de incerteza e de crise grave. Tendo enfrentado uma das mais

graves crises da História de Portugal, que se libertava a custo do jugo de Espanha, acreditou e fez acreditar que Portugal era viável, acreditou e fez acreditar que era possível construir uma humanidade nova e unidade, um mundo onde reinasse a fraternidade entre os homens.» [José Eduardo Franco]

Ler a obra do Padre António Vieira é celebrar a língua portuguesa, um dos maiores patrimónios da portugalidade.